



o cooperador paulino

Ano 49 — Nova Fase — nº 7
— Abril-Junho de 1983

Família Cristã

PÁGINA POR PÁGINA,
FAMÍLIA CRISTÃ CONSTRÓI
UMA VIDA MELHOR

Divulgue
Família Cristã

Publicação trimestral da Família Paulina

Ano XLIX — Nova fase — Nº 7

Abril-Junho de 1983

Capa: CF/83

"O COOPERADOR PAULINO" é uma revista fundada pelo Pe. Tiago Alberione em 1918 e publicada em 13 nações, em 7 línguas. Sua missão é servir ao Evangelho, à cultura humana e à catequese do povo de Deus no campo da Comunicação Social. Quer ainda informar sobre a vida, espiritualidade e atividade missionária da Família Paulina que procura manter viva, no mundo moderno, a obra evangelizadora do apóstolo São Paulo.

Propriedade: PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO

Diretor Responsável:
Pe. Ângelo Caravina, SSP

Coordenação:
Darcy L. Marin, Luiz M. Duarte e
Patrícia Silva

Participaram neste número:
Patrícia Silva, Percival Tavares, Ormezinda Santana, Darcy Marin, Silde Coldebella, Penha Campanedo, Silvana Fogaça, Iraci Didoné e Celeste Ghislanti

Composição e impressão: Gráfica de "EDIÇÕES PAULINAS"
Via Raposo Tavares, km 18,5
S. Paulo — SP

Redação: PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO — Rua Dr. Pinto Ferraz, 183 — Fones 571-3921 — 04117 S. Paulo — SP

Assinatura: Distribuição gratuita, mas aceitam-se contribuições em nome da PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO (no endereço da Redação)

SIM À FRATERNIDADE E NÃO À VIOLÊNCIA

Este número de O COOPERADOR PAULINO inicia uma nova esquematização. Até aqui, nesta nova fase, apresentamos o que é a Família Paulina na Igreja e a modalidade de viver o carisma específico de cada uma das Congregações formadoras desta Família. Posto isso, é chegada a hora de, em consonância com o pulsar da Igreja, rememorar os temas que declinam o dia-a-dia da vida das pessoas.

Para isso, nada melhor que recordar a Campanha da Fraternidade recém vivida; senão por outro motivo, porque nos incentivou à reflexão da ambigüidade presente no mundo em que vivemos: fraternidade-violência.

Freqüentemente — como quem assiste passivamente um jornal em rede nacional — costumamos fazer da violência um fetiche. Ela se nos desenha como obra de alguns "trombadinhas", "marginais", "bandidos" . . . Aparece totalmente separada do sistema que a produz.

É importante perceber a contradição embutida na realidade do cotidiano. Nele as marcas frias da violência mostram que esta é fruto do egoísmo que se posta acima do amor. E aí, ser pregadores de um pacifismo ingênuo, significa aumentar a carga aos que sofrem a violência. Significa tornar-se cúmplices dos mecanismos que escondem as raízes da violência.

Aqui estão algumas propostas nessa ótica. Registramos uma entrevista com Darcy Luiz Marin, ordenado há alguns meses; uma oração em grupo, com o apelo à paz; alguns fatos-notícias e algumas correspondências que nos chegaram.

Frente aos fatos demonstramos quem somos. Cada ser humano é responsável na geração de uma sociedade fraterna ou violenta. Que esta páscoa nos ajude a bem decidir!

A Redação

FRATERNIDADE, SIM! VIOLÊNCIA, NÃO!



FC — Romarini

Estamos comemorando, a nível nacional, o 20º aniversário da Campanha da Fraternidade. O tema escolhido para este ano foi: "Fraternidade sim! Violência não!" Por isso, neste artigo, refletindo sobre a violência em nossa sociedade, tentaremos mostrar algumas das várias formas de violência que sofre o brasileiro. E dando alguns exemplos, indicaremos algumas pistas de ação contra a violência, para que haja fraternidade em nosso meio.

1. VEJA A VIOLÊNCIA AO SEU REDOR!

Amigo, pare e olhe ao seu redor!

Não importa que você esteja na cidade, no campo ou seja lá onde for. Importa que você saia do envolvimento do seu dia-a-dia e olhe ao seu redor.

Às vezes, a nossa vida é tão agitada, corrida, cansativa, que não sobra tempo para pensar, para descobrir formas de enfrentar os problemas que nos cercam. E isto é muito mau!

Por isso, sem violência, queremos dizer:

Pare e comece a pensar! Pare e responda a estas perguntas:

Para você o que é violência? Como a violência se manifesta ao seu redor? Que tipo de violências existem no campo, na cidade etc.? Como você se comporta diante destas violências? Para você, o que o cristão deve fazer diante da violência?

Pense...

2. O QUE É A VIOLÊNCIA

Segundo o texto-base da Campanha da Fraternidade, "Violência é tudo o que fere ou esmaga a dignidade de qualquer pessoa humana. Violência são todas as formas de *violação do corpo, da consciência e da vida*: todas as formas de violação dos direitos humanos" (grifo nosso).

Quando falamos de violência, logo pensamos nos marginais, nos bandidos, nos ladrões etc. E, muitas vezes, esquecemos que violentos são todos aqueles

que violam os direitos humanos e não tratam as pessoas como filhos de Deus. Por exemplo: violenta é a Firma ou a pessoa que paga mal e deixa passar fome milhares de pessoas que dependem dela; violento é quem se cala diante das injustiças; violento é quem ajuda a manter este estado de injustiça; violento é quem usa da força, da arma para tentar acabar com a injustiça.

3. A VIOLÊNCIA É O PRATO DO NOSSO DIA-A-DIA

Se olharmos bem ao nosso redor, veremos que a violência é o prato do nosso dia-a-dia. Ela está crescendo assustadoramente no Brasil.

A televisão, o rádio e a imprensa continuamente falam de crimes, assaltos, crueldade, banditismo, violência policial etc.

Buscando os seus próprios interesses, estes meios de comunicação apresentam uma programação que violenta os mais sagrados valores humanos, desorientando as pessoas: pornografia, exploração, luta armada, competição, consumismo desnecessário etc.

Existem outras violências, mas elas não são divulgadas. Elas se manifestam:

— Nos deficientes físicos e mentais que vivem marginalizados. Uma mãe de família disse: "Perto da minha casa mora uma mulher doente mental. Ela era ajuntada com um motorista do hospital onde esteve internada. Teve 4 filhos que

estão com parentes. E agora, com uma menina de 11 anos e um menino de 9, foi abandonada pelo companheiro. No começo deste ano praticou um aborto. Ninguém quer se arriscar ajudá-la, pois se trata de um grave problema para quem o fizer. Já recorri a diversas entidades, até à LBA para vir socorrer estas pessoas. Parece que ninguém quer se comprometer..."

— Vemos violência quando os detentos nas prisões não são tratados como pessoas (superpopulação carcerária, por exemplo).

— Nos idosos e nos mendigos marginalizados e esquecidos por suas famílias e pela sociedade. Uma senhora disse: "Visitando uma comunidade de mendigos e marginalizados de toda espécie, conversei demoradamente com todos eles. Uma das mulheres que pertence ao grupo, convidou-me para ir ajudá-la nas sextas-feiras na preparação do sopão que é feito embaixo do viaduto e depois distribuído irmanamente entre todos os que moram na rua e fazem dela seu lar. Eu, com muita vontade de ajudar e participar desses estranho banquete, respondi: 'Vou sim, mas vou trazer tudo de casa. Assim não será preciso pedir nada a ninguém...' Que resposta infeliz! Ela me disse: 'Então nem venha. É preciso que você nos ajude a apanhar os restos do chão e ter a coragem de pedir aos feirantes o que nos fal-

ta, com o risco de levar alguns desaforos na cara. E assim sentirá na carne o que sentem todos os marginalizados da vida' ”.

— Vemos violências nas mulheres discriminadas e exploradas.

— No campo, quando os mais fortes dominam, exploram e expulsam os menores da terra (bóias-frias, peões, posseiros, pequenos lavradores), quando o boi e o dinheiro valem mais do que as pessoas. Certa comunidade do Maranhão escreveu: “Contamos um fato perigoso. A área de terra em que habitamos é terra devoluta. Havia uma família que se diz proprietária. Ela foi embora e entendeu de vender esta terra. A mesma tinha um documento falso que passou aos grileiros. Por causa desta questão, muitos pais de família foram presos e até apanharam. Outros continuam a ser perseguidos pelos grileiros e seus pistoleiros. Por causa dessa situação... nosso dirigente morreu do coração, quando o delegado regional, a mando dos grileiros, pediu o seu comparecimento à delegacia.”

— Vemos violência nos empregados explorados pelas empresas; nos desempregados.

— Na discriminação contra o negro e contra o índio. Índio e negro não sobem na vida. Índio é selvagem e negro é bandido.

— Na falta de alimentação (no Brasil, milhões de pessoas são subnutridas e muitas estão morrendo de fome).

— Na falta de moradia (muitas pessoas se escondem, não moram; nas favelas, nos mucambos, debaixo das pontes e viadutos).

— Na falta de emprego (milhares de pessoas vivem a mendigar, pois não encontram trabalho). Um colega nosso contou: “Estou dentro do carro, parado no farol, em plena cidade de São Paulo. Um rapaz fraco, com uma sacola de pano numa das mãos e a carteira de trabalho na outra se aproxima e me diz: ‘Companheiro, vou dizer a verdade. Estou a quase um ano sem trabalho. Não é fingimento não, sabe! Tenho 5 filhos pequenos e a mulher. Estamos todos sofrendo necessidades. A gente se sente envergonhado disso, mas não tem o que comer...’”

— Na falta de salário justo (no plano de emergência para a seca do Nordeste, um pai de família recebe Cr\$ 10.000,00 por mês; no Brasil, o salário mínimo chega aos Cr\$ 23.000,00; enquanto um deputado federal recebe Cr\$ 1.300.000,00 e um senador recebe Cr\$ 2.000.000,00, fora as mordonias que nos levaram ao FMI).

— Na repressão contra as iniciativas de protesto do povo (quem protesta recebe a repressão policial, pode perder o emprego, ser preso e enquadrado na Lei de Segurança Nacional).

— No abuso da autoridade (a polícia, por exemplo, primeiro atira, depois pergunta quem é), nas torturas, na repressão, na cor-

rupção, nos desvios de dinheiro.

— Na limitação da participação popular na vida política, econômica e social (será que o povo brasileiro foi consultado para se construir usinas atômicas no Brasil? Será que o povo sabe que Brasil estamos construindo? E, no entanto, é o povo que agüenta os rojões, é ele que precisa apertar o cinto, se é que ainda existam cintos e cinturas para se apertar!

4. POR QUE SERÁ QUE EXISTEM TANTAS VIOLÊNCIAS?

É amigo, este é o preço que estamos pagando pelo modelo econômico que escolhemos. Escolhemos!? A riqueza se concentra nas mãos de uns poucos, enquanto a maioria explorada fica cada vez mais pobre.

O pior de tudo, é que o povo fica iludido por uma falsa análise dos problemas que enfrentamos.

No fundo, para resumir, a raiz de todos os problemas está na ânsia de ter, do poder e do prazer que fecha o homem em si mesmo e intrumentaliza os semelhantes.

5. O QUE FAZER DIANTE DISTO TUDO?

Agüentar? Calar? Enfrentar com violência? Enfrentar com amor?

Olhando para Jesus de Nazaré, nós descobrimos a resposta.

Jesus não se calou diante da violência. Ele não suportou a violência dos grandes contra os pequenos. Ele atacou sem medo os ricos,

os sumos sacerdotes, os escribas e os fariseus, isto é, os donos da riqueza, os chefes do poder político. *Ele lutou contra a violência.*

Ele defendeu os pobres com energia, mas sempre com mansidão. Nunca usou as mesmas armas do opressor. Não matou, não foi violento. Amou.

A sua arma contra a violência foi o amor. Uma vez ele ensinou: "Amem os seus inimigos".

Aqui está a nossa questão: como viver este mandato do Senhor em uma sociedade violenta como a nossa? Como lutar contra a violência de forma eficaz e cristã?

6. COMO SER CRISTÃO DIANTE DA VIOLÊNCIA?

Assim como Jesus de Nazaré, o verdadeiro cristão luta contra a violência com resistência. Para vencer a violência não usa as mesmas armas do opressor. Faz de tudo para manter a vida, a sua e a dos outros. Se for preciso, ele está disposto a morrer como Jesus morreu pela causa da fraternidade.

Ser cristão é ter uma atitude firme e permanente contra a violência e a favor da fraternidade. Vejamos um exemplo: Em certa cidade da Bahia aconteceu: 1) Bombas e foguetes contra a igreja matriz; 2) perseguições e calúnias contra o vigário e outras pessoas; 3) espancamento de um trabalhador, por parte de fazendeiros; 4) abaixo-assinado contra o vigário, liderado pelos fazendeiros; 5) ameaças de morte contra

o trabalhador, o advogado do Sindicato dos Trabalhadores e o vigário. Por isso, este vigário escreveu para as suas comunidade: "Sabemos que o que aconteceu aqui não é um ataque contra um vigário ou advogado, mas um ataque contra os trabalhos da Igreja, das CEBs e contra o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, como acontece em tantos outros lugares. Nesta hora difícil, peço a vocês todos: não desanimem, fiquem firmes, vocês têm o direito de se organizar no seu Sindicato e no seu par-

tido político. Cuidado com os falsos profetas que, com mentiras e falsidades, tentam quebrar a união que vocês têm. A união é a única arma do pobre. Unam-se mais ainda e façam suas orações como os primeiros cristãos. Não se deixem enganar com promessas falsas de politiqueiros que até então provaram não ter interesse pelo bem-estar do povo."

A passividade, a omissão e a falta de sensibilidade com relação à violência cometida contra as pessoas e grupos sociais não são ati-



FC — Romanini



FC — Romamini

tudes cristãs: são maneiras de aceitar e apoiar a injustiça.

Assim, o cristão deve agir como Jesus de Nazaré. Deve lutar, excluindo qualquer forma de morte: a guerra, a repressão, o crime.

7. ALGUMAS ATITUDES DIANTE DA VIOLÊNCIA

Aqui, a título de conclusão, apresentamos algumas atitudes cristãs na luta contra a violência:

a) *atitudes negativas:*

— Não querer fazer justiça com as próprias mãos.

— Nunca ferir, nunca matar.

— Não fugir (a não ser provisoriamente, taticamente) nem desanimar.

— Não engolir sem questionar as informações recebidas, pois elas são violentamente falsificadas.

b) *Atitudes positivas:*

— Aumentar a consciência de solidariedade social e estimular as formas de participação.

— Ajudar o povo a tomar consciência de que ele

tem força. Certa comunidade do Ceará disse: "Os grandes dizem que nós pequenos agricultores somos nada. Mas nós não nos consideramos assim. Para a nossa comunidade foi a melhor coisa que tivemos em nossa vida, este folheto (O DOMINGO-CULTO DOMINICAL) nos dizendo, através do ensinamento de Jesus, nós também somos gente e filhos de Deus".

— Descobrir as causas e os verdadeiros responsáveis pela situação de violência.



— Saber arriscar a vida, superando o medo da morte.

— Guardar-se do ódio, orar pelos inimigos, amá-los.

— Desobedecer as leis que querem abafar a voz e destruir as organizações do povo. Vejamos um exemplo: "Outro dia, dona Leopoldina, líder da comunidade, foi consultada sobre os eucaliptos que ameaçavam cair em cima de alguns barracos, colocando algumas vidas em risco. Então ela mandou podar as árvo-

res, por isso foi presa. No ato da prisão, o policial lhe disse: 'A senhora não sabe que é contra a lei?' Antes de ser levada para a delegacia, ela mandou avisar o pessoal da comunidade. Um grupo de 40 pessoas se juntaram, foram à delegacia e conseguiram tirar dona Leopoldina da cadeia."

— Protestar, denunciar e lutar contra as injustiças que vão acontecendo. Certa comunidade de Serrinha, BA, escreveu: "Um fazendeiro queria tomar três tarefas de terra de um pobre pai de família. Foi levado às autoridades competentes e não tomou."

— Enfrentar a injustiça sempre com resistência, mas de maneira pacífica. "Na Paraíba, em Alagamar, uma certa vez, aconteceu que uns jagunços, armados até os dentes, tentaram desalojar uns 200 posseiros. Os posseiros estavam desarmados mas treinados... para a luta não-violenta. Os jagunços chegaram com as ameaças costumeiras. Os lavradores, sem dizer uma palavra, fecharam o círculo sobre os jagunços e foram retirar as armas das mãos deles" (foto citado na revista AEC).

— Intensificar a ação pastoral junto aos menores abandonados e carentes.

— Criar e fortalecer os Centros de Defesa dos Direitos Humanos.

— Dar apoio à Pastoral Operária, da Terra, do Migrante, do Índio e do Negro.

Pe. Percival Tavares

**PEDIATRIA
NO MUNDO
EM DESENVOLVIMENTO**



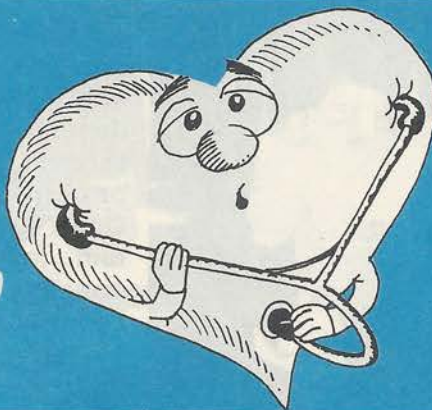
**COLEÇÃO SAÚDE
E COMUNIDADE**

Destacando as condições sociais, econômicas e culturais no mundo em desenvolvimento, o autor examina a necessidade urgente de estabelecer as medidas prioritárias em face da limitação de recursos. Cr\$ 1.700,00

ep

**CADA VEZ MAIS
PERTO DE VOCÊ**

CUIDE DE SUA
SAÚDE



SAÚDE DA COMUNIDADE E A IGREJA **ep**
DR. J. H. HELLBERG

ONDE NÃO HÁ MÉDICO

Aprovado pela Organização Mundial da Saúde, em linguagem fácil e a preço acessível, este livro é muito difundido no Brasil inteiro. Trata desde primeiros socorros até tratamentos com plantas homeopáticas. Ilustrado. Cr\$ 1.600,00



E. WACHTER

MANUAL DE EDUCAÇÃO NUTRICIONAL PARA AS MÃES

SAÚDE DA COMUNIDADE E IGREJA

Analisa a assistência dada à saúde pela Igreja. O trabalho aborda ainda temas e estudos voltados à reativação do ministério da Igreja e à definição de seu papel no campo da saúde. Cr\$ 400,00



ONDE NÃO HÁ MÉDICO

manual para aqueles que vivem e trabalham no campo

ep

David Werner

MANUAL DE EDUCAÇÃO NUTRICIONAL PARA MÃES

A desnutrição é um sério problema no Brasil. Este manual é uma alternativa para todos aqueles que participam da educação nutricional e para a saúde, principalmente para os pais. Cr\$ 650,00

VOCE ENCONTRA ESTES LIVROS NAS LOJAS DE EDIÇÕES PAULINAS; SE PREFERIR, PEÇA PELO REEMBOLSO POSTAL, ESCREVENDO PARA CAIXA POSTAL 12.908, SÃO PAULO — SP.

ep

EDIÇÕES PAULINAS
CADA VEZ MAIS PERTO DE VOCÊ

COM A PALAVRA OS COOPERADORES

Nos dias 6 e 7 de novembro de 1982, realizou-se, em São Paulo, mais um encontro de Cooperadores Paulinos. Foi um momento muito enriquecedor para trocas de experiências, oração e reflexão.

A equipe da Família Cristã colheu depoimentos de Cooperadores que atuam, em regiões diferentes, na promoção da revista, de livros e discos de Edições Paulinas e percebeu em todos o mesmo entusiasmo e consciência apostólica. Esta entrevista foi feita especialmente para este número de O COOPERADOR PAULINO.

MAURO GOMES — Votorantim, SP — há oito anos trabalha com Edições Paulinas.

COOPERADOR — *Como você se sente como Cooperador Paulino?*

MAURO — De início senti dificuldades e hoje ainda as sinto, é claro, em menor escala. Contudo, acho muito gratificante esse trabalho. Gosto muito.

COOPERADOR — *Como você sente o assinante de Família Cristã?*

MAURO — Depois de oito anos de trabalho, posso dizer que 70% gostam muito da revista e 30% a assinam a título de colaboração com a Igreja.

COOPERADOR — *Como você vê hoje o apostolado paulino?*

MAURO — Necessário, mas ainda pouco conhecido. Seria muito bom se fosse feita maior divulgação através da Igreja e dos meios de comunicação social.

COOPERADOR — *E a Igreja, como você a vê?*

MAURO — Um povo cada vez mais conscientizado.

LEONOR C. MIOTO — Estrela do Oeste, SP — trabalha há dois anos com Edições Paulinas.

COOPERADOR — *Como você sente esse seu trabalho, com Edições Paulinas?*

LEONOR — Sinto-me com bastante ânimo para, através deste trabalho, fazer um apostolado maior. Penso em fazer, através da promoção de Família Cristã um bem maior aos jovens.

COOPERADOR — *Como você conheceu Família Cristã?*

LEONOR — Há muitos anos. Faz mais de 20 anos. Quem nos levou a revista foram as Irmãs . . .

COOPERADOR — *Como você vê o apostolado paulino na Igreja?*

LEONOR — Um trabalho intenso e de grande valor. Vocês selecionam e "mastigam" a mensagem. Nós, como intermediários, fazemos a mensagem chegar ao destinatário . . .

MARTA GOMES — Cariacçu — MG

COOPERADOR — *Como você conheceu Família Cristã?*

MARTA — Sou muito curiosa a respeito de Jesus Cristo . . . Nossos pais foram os nossos primeiros catequistas . . . Fomos educados na fé, colaborando com a Igreja . . . Conheci a Família Cristã em Belo Horizonte, onde fui buscar material para a catequese e pastoral . . . De Belo Ho-



Momento de oração, na capela da Cidade Regina, onde os cooperadores se encontraram.

rizonte trouxe material para servir ao povo, inclusive Família Cristã.

COOPERADOR — Como você se sente como representante de Família Cristã?

MARTA — Alguém que coopera na evangelização. Isso faz parte da minha vida. Por muito tempo senti falta de um trabalho como esse.

COOPERADOR — Com Família Cristã seu relacionamento melhorou?

MARTA — Muito! Nos encontros com os assinantes, as conversas e trocas de idéias são muito positivas. Além disso, as orientações que a revista leva, contribuem muito.

Durante o Encontro, os Cooperadores refletiram sobre as dificuldades, as buscas, as renúncias e as esperanças que acompanham o seu apostolado. Disso tudo fizeram um *ofertório vivo* na celebração eucarística. Transcrevemos aqui essa oração para que seja rezada por todos os Cooperadores e, particularmente, pelos representantes da revista Família Cristã.

OFERTÓRIO DO COOPERADOR PAULINO

Senhor,
quero louvar-te
porque fui convidado para mais uma missão:
comunicar a tua Palavra, através dos meios de
comunicação social.
Senhor, realizo este trabalho
com muita alegria,
pois ele já faz parte da minha história do dia-a-
dia.

Percebo, Senhor,
que Família Cristã penetra,
não só nos lares, mas em todos os ambientes,
levando PAZ e AMOR
e ajudando as pessoas a assumirem sua vida
familiar e social,
num compromisso cristão mais autêntico.
Mestre Divino,
quero fazer deste trabalho
o meu ofertório de cada dia,
acompanhado das alegrias, esperanças e lutas
que compartilho com minha família e amigos.
Entrego ainda, Senhor,
os momentos difíceis,
quando tenho que enfrentar o sol, a chuva,
o frio e o cansaço,
quando tenho que voltar muitas vezes
para renovar uma assinatura e
chego, às vezes, a me desencorajar.
Mas, dentro de mim se renovam, todos os dias,
estas certezas:
a tua PRESENÇA NA EUCARISTIA, na PALA-
VRA e
na VIDA DOS IRMÃOS,
a participação e o estímulo da Família Paulina
que, utilizando os meios de comunicação social,
trabalha para que o Evangelho chegue a todos.
Senhor,
faço minhas as palavras de Alberione:
"Sou pequeno e incompetente,
fraco e inconstante,
porém, tu és o Caminho; a Verdade e a Vida".
Tudo isto te peço,
não só para mim,
mas para todos os Cooperadores Paulinos:
que tenhamos a coragem de
"lançar-nos para frente",
como São Paulo
e fazer Jesus crescer em muitas vidas,
a exemplo de Maria,
Rainha dos Apóstolos. Amém.

COLOQUE UM TOQUE DE AMOR NO PRESENTE DO

DIA DAS MÃES

ESCOLHA LIVROS DE EDIÇÕES PAULINAS



O relacionamento satisfatório com outras pessoas decorre de uma boa relação consigo mesmo. Este livro aborda aspectos básicos das relações familiares. Cr\$ 560,00



Segundo o autor deste livro, se os pais e educadores pararem de reprimir e educarem com amor, há ainda esperança de salvação para os lares desfeitos. Cr\$ 500,00



Este livro apresenta o importante papel do diálogo na família, no processo de conhecimento próprio e do parceiro e na descoberta de situações novas. Cr\$ 330,00



Mensagens de paz, esperança e otimismo para distribuir em aniversários e datas festivas. "Mãe" é um poema de amor que substitui o cartão. Cr\$ 260,00



A Coleção Amizade traz poemas, mensagens de Cristo e de grandes escritores para instantes de alegria ou reflexão. Cr\$ 280,00



O autor mostra que Cristo armou sua tenda entre os homens, ensinando-lhes a fazer, no dia-a-dia, a experiência de Deus. Ilustrado. Cr\$ 500,00

CELEBRE O "DIA DO SENHOR"!

O DOMINGO-CULTO DOMINICAL

Semanário litúrgico e catequético para a celebração da Palavra

Sr. Vigário, se V. Rvma. vê a extensão de sua paróquia e com pesar percebe que não atinge todos os fiéis . . .

Sr. Agente de Pastoral, se V. S^a vê o povo sentir fome de se encontrar e de celebrar o "Dia do Senhor", apesar de não haver padres para atendê-lo . . . Se você . . . está aberto à ação leiga na Igreja, veja o que segue:

- *O DOMINGO-CULTO DOMINICAL* é uma celebração da Palavra (completa, com ou sem distribuição da Eucaristia);
- surgiu em 1976 sob a orientação da CNBB;
- criado a partir da realidade pastoral do Brasil (busca atender as comunidades sem padre e dar voz ao leigo);
- possui estrutura própria, diferente da Missa (estrutura orientada pela Linha 4 da CNBB, Liturgia);
- linguagem simples e acessível;
- usa cantos populares e dos *Discos de O DOMINGO*;
- possui liturgia da Palavra e homilia;
- em 1983, traz um curso continuado sobre *O PAI-NOSSO*, em linguagem simples;
- traz cartazes gratuitos ilustrando a mensagem (a partir de 50 assinaturas);
- traz uma *avaliação do ano litúrgico* (objetivando levar o povo a questionar a própria realidade e a analisar o folheto);
- atinge o Brasil todo com seus 450.000 exemplares semanais. Sendo que 89% das comunidades atingidas por ele são rurais e 11% são urbanas.

Assinaturas a partir de dez (10) exemplares e múltiplos de dez (10).
Peça orientações pastorais sobre o Culto-Dominical e exemplares para sua comunidade.

Pedidos para: Administração de O DOMINGO-CULTO DOMINICAL
Cx. Postal 8.107 — 01000 — São Paulo — SP
Fone: (011) 268-6141 (horário comercial)

EXISTE FRATERNIDADE?

por Ormezinda Santana

A violência é uma realidade presente em nossa sociedade.

Cada um de nós, certamente, tem suas explicações para tanto. Essas explicações, em última análise, revelam quem somos e o que fazemos para erradicar ou promover a violência.

Nesta oportunidade O COOPERADOR PAULINO procurou coletar algumas opiniões junto a três pessoas, que atuam em diferentes áreas de trabalho, sobre o que acham da violência. Cada uma dessas pessoas manifestou seu próprio ponto de vista, não necessariamente em conformidade com o desta revista, que registramos a seguir.

Questões apresentadas

- 1) Quais as causas da violência hoje?
- 2) Quais os caminhos para evitar a violência hoje?
- 3) De que modo a Igreja poderá contribuir para que a fraternidade possa ser uma constante na vida da população?

Opiniões

FREI BARTOLOMEU GONZALEZ
Vigário da Paróquia Cristo Resuscitado
(Periferia da região sul da cidade de São Paulo)

1 — É evidente que as causas da violência são muitas. Existem causas objetivas como indicam os Bispos nas Conferências de Medellín e Puebla. Seria a “estrutura do pecado”. Violência institucionalizada para manter a “injustiça institucionalizada”, sobre o nosso continente.

O Capitalismo é a realidade da América Latina que produz tanta marginalização, tendo como finalidade suprema o

lucro a qualquer preço. O lucro é o fim supremo de tudo. Não é a vida, não é a pessoa, não é o bem-comum.

Assim, é evidente que o Capitalismo é o gerador-mor da violência, de uma violência irracional, selvagem, que deixa uma série de conseqüências: fome, miséria, desemprego, exploração do homem pelo homem.

No Capitalismo, gerador de violência e não de fraternidade, faz com que tudo seja mercadoria, tudo tenha um preço.

Como já dissemos, o valor supremo é o lucro, a ganância. Tudo tem que ser subordinado a esta realidade que já é o novo ídolo, o qual exige sacrifício para manter-se.

A classe trabalhadora tem que entrar na chamada “economia de guerra” para ser sacrificada a este “deus” que não tem compaixão, que não tem olhos para ver e nem escuta os clamores do povo. “Economia de guerra” quer dizer morte, violência, não hesitando em sacrificar sempre

mais e mais o povo, que não é reconhecido como imagem do Deus vivo.

2 — Os cristãos devem trabalhar para mudar a história. Não aceitar esta situação de injustiça, não devem compactuar com ela, devem evitar a morte, lutar pela vida.

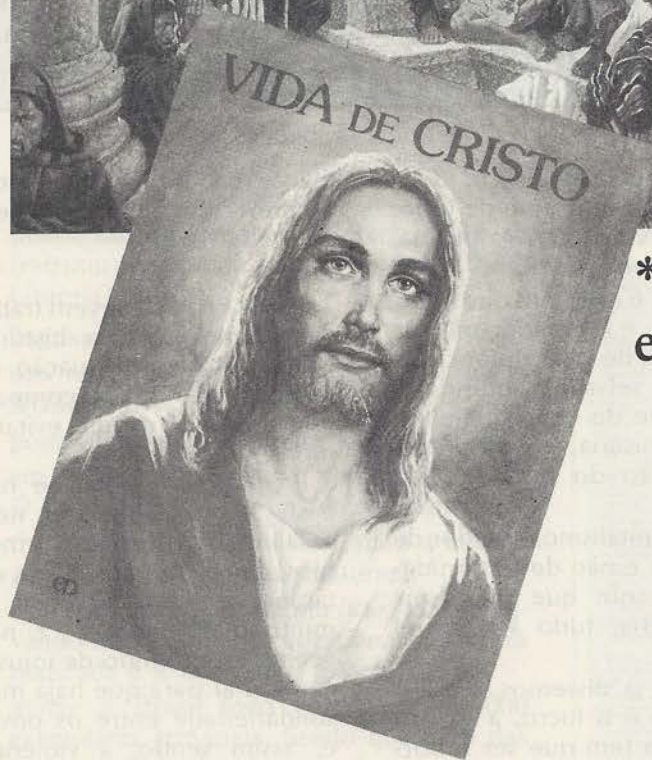
Precisamos dizer que não basta as boas intenções, nem se alimentar de vagos princípios, como: sendo cristãos estamos contra a violência. É muito mais que isso. É não aceitar este mundo de injustiças e lutar para que haja mais solidariedade entre os povos e, assim sendo, a violência tenderá a desaparecer.

3 — O papel da Igreja é conscientizar. Mostrar um caminho alternativo à esta sociedade construída sobre a ganância, o lucro e a violência. A Igreja, é claro, não pode aceitar esta situação. Deverá orientar o povo, de um modo pacífico, a sair desta situação de miséria, reivindicando os seus direitos que são violados.

VIDA DE CRISTO



CONTADA
PARA
OS HOMENS
DO NOSSO
TEMPO



* desenhos artísticos
e fotografias a cores
que reconstituem
o ambiente
do tempo de Jesus

* trabalho conjunto
de um biblista,
um arqueólogo,
um pintor,
um fotógrafo
e um jornalista

174 pp.,

EDIÇÕES PAULINAS
cada vez mais perto de você

É um modo Eclesial de realizar a utopia do Reino de Deus.

ANTÔNIO PIRES DA SILVA
Trabalhador na Construção Civil
(Carpinteiro e Pedreiro)

1 — A violência é gerada hoje pelo próprio sistema que temos aí. A própria sociedade comprova isso.

Analisando a realidade, nota-se que só os ricos tem toda regalia, e o pobre vive pisado, sem vez e sem voz (o pobre não pode se alimentar, não pode reclamar, etc).

Por esse motivo a gente sente na pele que a vida que estamos enfrentando não é aquela que Jesus deixou para seus filhos.

A violência ocorre devido a falta de emprego, escola, habitação, higiene, além da falta de respeito pela pessoa humana. São os poderosos que fazem nascer esta violência contra os pequenos, ou seja, sobre a classe trabalhadora que é a violentada nos seus direitos.

2 — Para evitar a violência hoje, é necessário que todos os homens sejam respeitados como pessoa humana, que todos os homens tenham vez e voz, que todos tenham trabalho, casa e terra para trabalhar, tendo seus direitos respeitados. Tendo chance de estudar, falar, ter assistência médica, mas que esta assistência seja digna e que venha no momento certo. E que, principalmente, a justiça prevaleça e, assim sendo, a violência não encontrará lugar.

3 — A Igreja deve conscientizar-se para depois poder trabalhar com o povo.

Muitas vezes ela desconhece a verdadeira causa da violência.

Trabalhar com o povo, participando de seus problemas,

não ficando dentro de um grupo parado só olhando os acontecimentos. Trabalhar mais com a Campanha da Fraternidade, não ficando só nos meses destinados a ela.

SEBASTIÃO APARECIDO SANTANA
(Administrador de Empresas)

1 — O termo violência é muito abrangente. Hoje a violência está presente nos mais variados aspectos. Vemos violência em tudo, como por exemplo: a mãe que mata o filho, o marido que espanca a esposa, o patrão que por qualquer motivo despede o empregado, o assaltante que além de roubar, mata e tortura suas vítimas.

De maneira geral eu diria que as causas da violência reúnem-se na falta de preparação do povo brasileiro. É o alto índice de analfabetismo, alto índice de desemprego, alto custo de vida, etc.

Tudo isso contribui para que haja sempre mais violência. A violência hoje não está presente somente no povo simples, está presente até nas próprias autoridades (policiais) — é lógico que há exceção. Quantas prisões sem um mandado judicial, sem flagrante (as prisões para averiguação) — e quantas violências existem neste tipo de prisão. Somos conhecedores disso através da imprensa falada e escrita, não? Nisso vemos o desrespeito às próprias leis, o que não deixa de ser uma dupla violência.

2 — Para mim, os caminhos para evitar a violência hoje, seriam:

— Recolher todos os menores abandonados e dar-lhes uma educação adequada, mostrar-lhes o caminho certo a seguir.

— Reformular o sistema penitenciário, fazendo com que o mesmo seja um centro de recuperação e não uma fábrica de criminosos mais perigosos.

— Dar condições de vida, moradia digna aos trabalhadores para que não haja mais favelas (centro treinador de trombadinhas).

— Criar mais escolas, clubes, etc., fazendo com que todos tenham oportunidade.

— Reformular o sistema policial, fazendo uma rigorosa seleção dos candidatos, para que a polícia seja vista como órgão de proteção à população e não como uma ameaça como muitas vezes ocorre.

— Aumentar a oferta de emprego através de uma reestruturação na economia brasileira.

Não poderia deixar de dizer que sou a favor da pena de morte, isto nos casos de marginais altamente perigosos, autores de crimes bárbaros.

Para mim estas pessoas não deveriam ser apenas recolhidas em casas de detenção, pois são elas os mestres no mundo do crime. São elas que fazem com que a Penitenciária seja uma escola de marginais e não um lugar de recuperação.

3 — Para mim a Igreja deveria propagar mais as suas grandes obras. Não deveria ficar somente na época da Campanha da Fraternidade. Ela deve dizer ao mundo através dos meios de comunicação social que nesta ou naquela Paróquia existem encontro de casais, encontros de jovens, teatros para jovens e que nela as pessoas são todas iguais, nela ensina-se como fazer o bem, etc., coisas assim.

Neste ano de 1983 a Igreja nos convida a uma reflexão sobre o tema da violência e da paz. Não podemos ficar alheios a este convite.

A violência invade os diversos campos da sociedade e se manifesta através das mais diferentes formas. Não podemos ignorá-la, uma vez que nós mesmos somos vítimas de seus efeitos.

Certamente, neste ano, teremos oportunidade de analisar, com a responsabilidade que nos cabe, as causas e as conseqüências da violência, como também descobrir pistas de solução para este problema.

Tentemos fazer aqui, uma grande mesa redonda e discutir, juntos, sobre o conteúdo dos jornais, das revistas, dos livros, da TV, dos filmes, da publicidade . . .

Para ilustração, eis um dado assustador a respeito da televisão brasileira, cuja programação, em grande parte, é importada. A cada 100 horas das programações vendidas ao nosso país, assistimos, em média, a 12 assassinatos, 20 cenas de agressão física, 6 tentativas de suicídio. Acrescentem-se a essas cenas de violência e de condescendência ao crime, os programas de baixíssimo nível cultural.

Nas bancas não se tem muita opção a fazer, quanto à escolha de jornais. As manchetes são sensacionalistas e entre essas, as de maior destaque são as da crônica policial. Pesquisas demonstram que é justamente essa seção que a classe média lê por primeiro.

O mesmo se dá no rádio. Como se o crime em si não fosse alarmante, o apresentador lhe dá um colorido apelativo, muitas vezes despertando o ódio e a vingança no ouvinte que, infalivelmente, procura ser informado, logo de manhã, do que está acontecendo no "submundo do crime".

E as revistas? Quem desconhece a opressão do poder econômico de um Tio Patinhas, uma das revistas mais lidas por crianças e adultos? Quem ainda não notou a irreverência e a agressividade da Mônica e do Pelezinho? São, no entanto, os personagens que estão invadindo o mundo infantil, não só através das revistas e jornais, como também nas roupas, decorações e até em objetos escolares.

VIOLÊN COMUN



A escalada da violência coincide com o processo de modernização social. Em si mesmos eles constituem valores de uma sociedade consumista que estimula a violência, gerando sentimento de frustração.

CIA NA ICAÇÃO



do de expansão dos meios de comunicação
progresso, entretanto, projetam a imagem
s pessoas a gastos acima de suas possibili-
e alimenta a agressividade (CF 83).

Coisa nada fácil para quem ainda se preocupa com valores humanos e cristãos, é a escolha de um filme para ver, se recrear ou com um objetivo cultural. São mostradas as formas mais estranhas de violência à pessoa, desde a anulação do seu senso crítico pelo condicionamento do bom gosto à péssima qualidade das produções, até uma espécie de entorpecimento da consciência coletiva com as fortes doses de pornochançadas.

Não se trata de pretender mudar radicalmente a orientação dos meios de comunicação. Isso é quase impossível. Nem, tampouco, temos recursos para programas de evangelização em todos os veículos de comunicação.

O primeiro e mais urgente passo a ser dado é preservar e formar a consciência crítica das pessoas. Não adianta desligar o televisor, proibir leituras, nem fazer campanhas contra publicações, o que às vezes ajuda. É muito importante, antes de tudo, preocuparmo-nos com a capacidade de análise e interpretação daquilo que vemos, ouvimos e lemos.

O cooperador, como todos os membros da Família Paulina, têm aqui o seu compromisso. Vamos assumir juntos esse empenho?

Começemos por uma tomada de consciência a respeito dos meios de comunicação que utilizamos. Façamos uma lista dos programas de Rádio e TV que nós e nossos amigos vemos e ouvimos. Anotemos os títulos das revistas que são lidas em nossa casa e nos ambientes que freqüentamos. Façamos o mesmo com os atuais programas dos cinemas e teatros. Com esses elementos em mãos, perguntemo-nos:

- 1º Qual o tema, o assunto, mais freqüente hoje nos meios de comunicação? Por quê?*
- 2º Como a pessoa, o amor, a verdade, são abordados? A realidade que vivemos tem reflexos do que é apresentado nas telas de TV e cinema?*
- 3º Tudo isso, confrontado com os valores evangélicos, está conforme a consciência cristã? Por quê?*

Ir. Patrícia Silva

A HERANÇA ESPIRITUAL E APOSTÓLICA DOS COOPERADORES PAULINOS

I — O COOPERADOR PAULINO

1. Quem é?

Cooperar — a própria palavra o diz — é *trabalhar junto com, operar simultaneamente, trabalhar em comum, colaborar*.

O adjetivo *Paulino* vem do apóstolo *Paulo*, que é o padroeiro e inspirador dos padres, irmãos e irmãs de toda a Família Paulina.

Quem são, pois, os cooperadores Paulinos? O Fundador da Família Paulina, Pe. Tiago Alberione, nos favorece com uma clarificativa explicação: "São pessoas que têm o gosto de Cristo, instrução cristã mais ampla, fé mais viva". O cooperador Paulino tem muito a ver com o apóstolo Paulo; pois "considera sua atividade, seu zelo; lê com gosto sua vida, as Epístolas e, pensando nas grandes fadigas do Apóstolo, querendo dar sua vida por Cristo, sai um pouco de si mesmo, olha ao redor de si e este olhar o impele muito para adiante, através das Nações".

2. De que maneira o cooperador atua junto à Família Paulina?

Para a maior divulgação do Evangelho e implantação do Reino de Deus no mundo, o cooperador deverá realizar uma profunda *vida de oração* e a *prática de boas obras*.

a — *Vida de oração*. Pe. Alberione, como a maioria dos fundadores de Ordens e Congregações religiosas, manteve uma intensa vida espiritual voltada especialmente para a *leitura da Palavra de Deus* e a *freqüência à Eucaristia*. Essa atitude e vivência espiritual, o Fundador as recomenda à Família Paulina e aos seus colaboradores. Na vida de oração, indispensável a todo cristão, o cooperador deverá conhecer e exercitar-se nas devoções principais da Família Paulina.

b — *Prática de boas obras*. Suscitar vocações para o apostolado com os meios de comunicação social; contribuir com a preparação e difusão de bons livros, especialmente a Bíblia Sagrada. Tornar conhecida a Família Paulina e sua obra na Igreja mediante a palavra, os escritos etc.

II — AS DEVOÇÕES PAULINAS

A Família Paulina aspira viver integralmente o Evangelho

de Jesus Cristo Mestre, Caminho, Verdade e Vida, no espírito de São Paulo, sob o olhar de Maria, Rainha dos Apóstolos.

1. Jesus Mestre

Os membros da Família Paulina adoram o Cristo como Mestre. O verdadeiro mestre é aquele que educa, acompanha e estabelece com o discípulo um relacionamento vital. Convém salientar que o Mestre Jesus apresenta uma significativa diferença em relação aos mestres terrenos. É que estes têm a preocupação de ensinar, de formar para a vida. Acabada a preparação, os discípulos dispensam o mestre, desligam-se dele e passam a se virar por conta própria. Quanto ao Mestre Jesus as exigências são maiores. Aqui o discípulo não termina a aprendizagem. Não conhece um tempo em que se despede da escola. Cabe ao discípulo de Cristo não apenas assimilar os ensinamentos, mas viver a própria vida do Mestre: "Aquele que permanece em mim e eu nele, produz muito fruto; porque, sem mim, nada podeis fazer" (Jo 15,5). Jesus Mestre é o Caminho que nos propomos percorrer, a Verdade que devemos acolher e a Vida que nos compete viver.



O cooperador paulino tem em Maria – Rainha dos Apóstolos a mãe, a guia e sua intercessora junto a Deus.

2. São Paulo

É fácil entender porque o Fundador quis colocar sob a proteção de São Paulo as Congregações da Família Paulina. Ele buscou na Bíblia o exemplo de um homem apaixonado pela causa do Evangelho e bem consciente da missão que o Senhor lhe havia confiado. Simpatizou-se com Paulo: o missionário de todos os povos da terra; o homem de personalidade forte, inflexível, mas que se deixa conquistar por Cristo e por ele é capaz de sacrificar a própria vida; o guerreiro incansável que luta com as armas da inteligência, da eloquência, da persuasão e até da esperteza, contanto que consiga expor e inaugurar o Reino de Deus aonde quer que ele vá ou se encontre. O Paulo que prega a Palavra de Deus; que chama a atenção dos medíocres na fé; que reconhece as próprias limitações; que vibra de consolação ante os convertidos ao Evangelho; que reanima as comunidades por ele fundadas; que escreve; que se incomoda com os adversários de Cristo. Esse é o Paulo escolhido para modelo do cristão ansioso de ver o Reino de Deus acontecendo aqui e agora. O cooperador, assim como cada paulino, busca ser o apóstolo Paulo para os nossos dias.

3. Maria, Rainha dos Apóstolos

Nossa Senhora está presente e atua na vida daqueles que amam Jesus Cristo. Ela é a mãe de Jesus. É também mãe nossa: "Filho, eis aí a tua mãe" (Jo 19,26). É mestra que orienta, educa, acompanha aqueles que se propõem seguir a Jesus. É a primeira apóstola: "Apóstolo é aquele que traz Deus em sua alma e o irradia ao redor de si" (Alberione). Nossa Senhora

gerou o Cristo e o apresentou ao mundo. De modo completo, sem restrições. Generosamente. Dos apóstolos ela é a rainha. Poderosa, incentivadora. Ela marca presença, coopera, anima os apóstolos de hoje. Ela quer que o Reino de seu Filho crie raízes, prospere e se espalhe pelo mundo todo.

O cooperador paulino tem na Rainha dos Apóstolos a mãe, a guia e sua intercessora junto a Deus.

III — PROPOSTAS CONCRETAS

Nutridos de profundo amor ao Mestre Jesus, a São Paulo e a Maria, Rainha dos Apóstolos, os cooperadores paulinos se sentirão mais encorajados e desejosos de expandir a mensagem de Cristo, com todas as energias e servindo-se de todos os meios do progresso humano. Sugerimos, pois, algumas pistas de serviço apostólico:

a — O cooperador paulino receberá esta revista e se encarregará de passá-la a outras pessoas que apreciam a boa leitura. Podem até, numa reunião, comentar e debater algum tema aí publicado e informar-nos sobre os resultados dessa iniciativa.

b — Os cooperadores, na medida do possível, mantenham-se atualizados sobre as publicações dos Paulinos e Paulinas. Para isso solicitem catálogos e informações junto às livrarias de Edições Paulinas ou escrevam diretamente ao endereço da Revista.

c — O cooperador paulino, animado pelo espírito apostólico de São Paulo, procurará adquirir e divulgar edições da Bíblia, do Evangelho e também de outros livros de formação para todas as idades.

d — Onde for possível e

haja alguém para tomar conta, criar uma biblioteca com boas leituras e organizar de maneira melhor a movimentação dos livros. Caso haja interesse nesse tipo de atividade, a Direção desta Revista poderá fornecer melhores informações.

e — Os cooperadores paulinos procurem inteirar-se das principais devoções paulinas e divulgá-las entre os parentes, amigos e conhecidos.

f — Na medida em que conhecer e amar o trabalho apostólico da Família Paulina, o cooperador explicará aos jovens o sentido e a dimensão desse serviço na Igreja. Assim suscitará vocações que se disponham a consagrar-se inteiramente ao apostolado paulino.

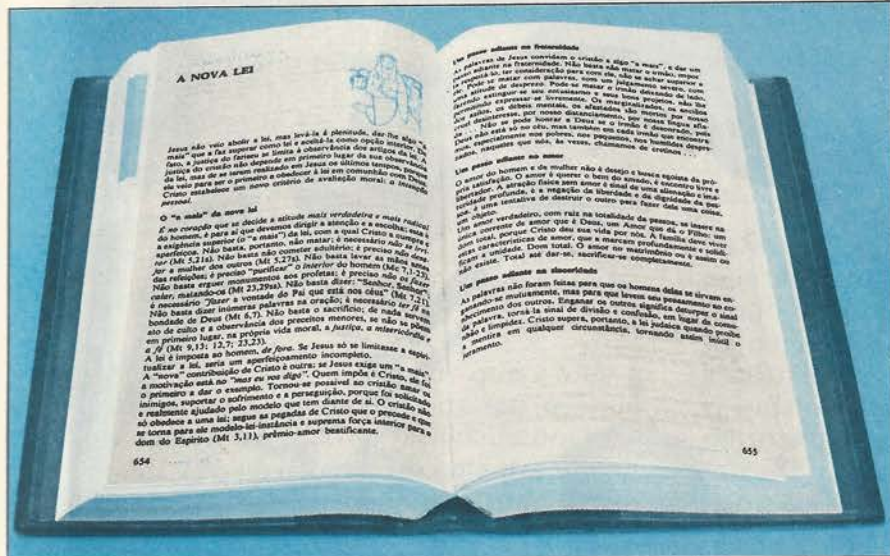
IV — CONCLUSÃO

O ideal de vida espiritual e as atividades práticas propostas à Família Paulina são os mesmos legados aos cooperadores Paulinos. Mas, só haverá verdadeiro exercício de apostolado se houver uma paixão profunda pelo Cristo Jesus e sua mensagem. Essa paixão gera adesão incondicional ao Evangelho e doação completa da pessoa em vista da propagação do Reino de Deus. Essa atitude implica sacrifícios pessoais e pode provocar até perseguições da parte dos adversários do Reino: "Se eles me perseguiram, também vos perseguirão; se guardaram a minha palavra, também guardarão a vossa" (Jo 15,20). É o desafio que Jesus deixou aos apóstolos. É a herança que a Família Paulina decidiu aceitar. É a sã provocação que apresentamos a vocês que desejam se unir a nós na evangelização do mundo, principalmente através dos meios de comunicação social.

Pe. Luiz Miguel Duarte

PARTICIPE ATIVAMENTE DA LITURGIA

O MISSAL DOMINICAL — Anos A, B e C — oferece uma riquíssima catequese para aprofundar o mistério da fé a partir da liturgia de cada domingo ou festa. Aprovado pela CNBB, o Missal constitui a obra mais apurada da liturgia cristã, indispensável à participação litúrgica de maneira inteligível.



Para pedidos:
EDIÇÕES PAULINAS
Cx. Postal 8.107
01000 S. PAULO SP
ou
em qualquer livraria
de **EDIÇÕES PAULINAS**
em todo o Brasil

- * texto completo das leituras dos domingos e festas: anos A, B e C;
- * texto completo das orações, antifonas, salmos de meditação e aclamações ao Evangelho;
- * oração dos fiéis, adaptada ao tema de cada domingo ou festa;
- * orações eucarísticas completas, inclusive as novas orações para missas com crianças e da reconciliação;
- * preciosas introduções a cada tempo litúrgico do ano
- * excelente comentário bíblico-homilético para cada domingo ou festa, focalizando o tema central da celebração;
- * breve comentário bíblico-exegético para cada leitura;
- * liturgia completa de todos os dias festivos e da semana santa dos três anos;
- * índices temáticos das leituras do Antigo e Novo Testamento, inclusive dos salmos de meditação, como subsídios para organizar celebrações da Palavra e outras modalidades de oração comunitária ou individual;
- * além dos índices do conteúdo do missal, um índice muito útil dos temas para a homilia e a catequese.

A SERVIÇO DO REINO



Neste número, O COOPERADOR PAULINO procurou o neo-Sacerdote Darci Luiz Marin, solicitando-lhe alguns depoimentos. Prontamente nos atendeu. Eis os dados colhidos nessa oportunidade:

Darci Luiz Marin nasceu em Antônio Prado, RS. Iniciou sua vida de Seminário em janeiro de 1965, em Caxias do Sul, RS. Lá concluiu o primário e freqüentou o ginásio. Fez o científico no Colégio N. Sra. do

Carmo, também naquela cidade, entre 1971 e 1973. No ano seguinte fez estágio pastoral. Em 1975, com mais quatro colegas, o Noviciado. De 1976 a 1978 freqüentou a filosofia, na Faculdade N. Sra. Medianeira, em São Paulo. De 1979 a 1982 cursou a Teologia no Instituto Teológico São Paulo (ITESP), também em São Paulo. Foi ordenado Padre em 12/12/82. Celebrou a 1ª Missa em sua terra natal em 26/12/82.

COOPERADOR PAULINO - Onde iniciou a história de sua vocação?

DARCI LUIZ MARIN — É uma satisfação estar respondendo à algumas questões, gentilmente formuladas pelo nosso querido O COOPERADOR PAULINO.

Minha alegria redobra-se quando estou ciente que milhares de leitores prezam esta revista, porta-voz de um pouco de nossa vida, em cada uma das Congregações que formam a Família Paulina.

A história de minha vocação, creio ter iniciado bem cedo. A grande marca da humildade, que ainda hoje caracteriza o ser humano do campo, impedem que meus pais revelem seus próprios sentimentos. Sei, no entanto, de fonte segura, que eles acalentaram desde o início de seu casamento, a possibilidade de um de seus filhos optarem pela vocação religiosa.

Ciente disso, propositalmente escolhi para o dia de minha ordenação sacerdotal o 2º canto do servo, localizado no livro de Isaías: “Desde o seio materno Deus me chamou, desde o ventre de minha mãe pronunciou o meu nome”.

CP — Quer dizer que em sua preparação para o sacerdócio, tudo encaminhou-se fácil?

DLM — Nós todos sabemos que a vida é um contínuo desafio. Raros são os que conseguem passar com facilidade por esse desafio. Essas barreiras, no entanto, são ultrapassadas mais facilmente quando dispomos de uma retaguarda que seja de base para tanto. A preparação é, pois, condição de solidez à qualquer decisão de vida.

Na vivência concreta, todos sabemos, as contrariedades sempre se fazem sentir. Há, então, necessidade de escolher com serenidade a caminhada que construirá o trajeto de nossa vida.

Para a escolha da caminhada, sabemos que muitos elementos interferem. Nessa escolha, além do chamado de Deus que marca o início de qualquer vocação, há necessidade de renovar constantemente o esforço da fidelidade. A Sagrada Escritura está repleta disso, principalmente nos livros que compõem o Antigo Testamento. Neles captamos claramente as fidelidades e infi-

delidades de um povo que captou em sua vida a vida de Deus. Nessa sensibilidade à marca do humano onde reside Deus, construiu-se a Aliança.

À semelhança dessas passagens bíblicas, parâmetros sempre orientadores da vida humana, aprendemos que qualquer vocação traz sempre em seu bojo dificuldades. A perseverança, entretanto, repousa na confiança e fidelidade sempre renovadas. Aquele que nos chamou à vida: Deus.

Minha preparação pautou-se muito nisso que estou dizendo.

Houve dificuldades, sem dúvida, entretanto — todos somos testemunhas disso —, o tempo passa depressa... Nada melhor que ele para ensinar-nos a caminhar, reabastecendo sempre nossas forças naquele que é a chave do nosso ser cristãos: Jesus Cristo.

CP — A vida religiosa e sacerdotal ainda pode ser considerada uma opção humana como as demais, quando a sociedade convida a viver à flor da pele o prazer, as poses e ao bem estar?

DLM — Sinceramente, creio que a opção pela vida religiosa e sacerdotal continua sendo uma boa opção também hoje. Nem só de professores, médicos, agricultores, assalariados... vive uma sociedade. Há necessidade medular, em nossa realidade, de pessoas que dediquem a totalidade de suas forças à causa da justiça e da fraternidade entre os seres humanos.

Nessa perspectiva optei em ampliar as possibilidades de uma pequena família para, em lugar dessa, dedicar minhas forças a uma família maior: ao povo de Deus, especialmente os empobrecidos, razão determinante de minha vocação.

Pode até ser difícil entender isso à primeira vista. Exatamente pelo mundo que nos cerca. A estrutura de vida à qual estamos acostumados, nos conduz a deixar em último plano os problemas e as dificuldades dos outros, e encarar primeiramente os nossos. A relegar ao esquecimento as relações de fraternidade entre as pessoas, para promover o nosso bem estar, o prazer, o poder, o prestígio e o dinheiro. Tudo para nós... e os outros? Ora, os outros!...

Esse tipo de opção de vida, então, não é muito freqüente e, por isso, menos compreendida num mundo racionalizado e técnico, onde a máquina determina as normas do viver. O ter manda no ser. O egoísmo marca a sociedade. O excesso de alguns é facilmente digerido, em detrimento da grande maioria dos seres humanos.

Não somos, evidentemente, seres extraterrestres. Não nos "exilamos" em Seminários e Casas Paroquiais para promovermos "lavagens cerebrais". Antes, somos seres humanos concretos. Objetivamos fazer de nossa condição humana a construção de um mundo melhor, tentando nos aproximar do que foi Jesus Cristo; que no dizer do apóstolo Paulo: "Ele tinha a condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente. Mas esvaziou-se a si mesmo, e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana. . . ."

A fé na dinâmica que impulsiona a vida humana é o segredo de nossa dedicação dentro da Igreja.

Na vida religiosa e sacerdotal, então, a gente não deixa de ter a própria família. Antes, amplia as possibilidades naturais de constituir um lar — direito de qualquer ser humano —, para dedicar os dons que nos identificam a milhões de seres humanos que não têm onde buscar apoio.

Para compreender isso, admito, é necessário uma grande dose de fé de que nem tudo termina aqui e agora! Acredito na vida. E é para promovê-la que essa decisão continua se fazendo, como foi feita por Cristo.

CP — Esta sua decisão sempre encontrou apoio para concretizar-se?

DLM — Exatamente por estarmos vivendo em uma sociedade estruturalmente capitalista, muitas pessoas mostraram-se surpresas na medida em que minha decisão em permanecer firme nessa caminhada ia se concretizando. Muitas até manifestaram-me esperanças de "baixa quilometragem" pelos desertos da vida! . . .

Sempre houve, no entanto, os que me apoiaram. Conto aqui apenas uma passagem concreta que demonstra esse apoio: Uma pessoa de minha família, em meus

primeiros anos de Seminário, motivada por dificuldades financeiras e distando cerca de dez quilômetros de casa, economizava o valor correspondente à passagem de ônibus, para fazer dessa economia minha manutenção. E fazia disso uma constante — além, evidentemente, da dupla jornada de trabalho em casa —, conduzindo junto a si uma criança por companhia e, em lugares desabitados, carregando-a às costas para não cansá-la!

Passagens como essa, que me enternecem e sensibilizam, disponho de dezenas.

O apoio concreto, então, sempre se faz sentir. Não faltou também os que apoiaram com orações. . . e continuam a fazê-lo.

Nas comunidades onde passei sempre houve também bastante calor humano e fraternidade; e, principalmente, muita confiança e expectativa nalguns dons que Deus bondosamente me confiou.

Com esse apoio, uma etapa foi cumprida. Importa agora renovar essa etapa a cada dia. Ciente disso, resolvi topar a caminhada!

Sei que a vida é feita também de dificuldades. Creio, entretanto, na força do Evangelho. E é ele que nos garante: "Te louvo, ó Pai, porque escondestes essas coisas aos sábios e entendidos e as revelastes aos pequeninos".

CP — Por que optar por uma Congregação que transmite a mensagem evangélica através dos meios de comunicação?

DLM — A meu ver, esses meios mexem com as raízes estruturais em que está montada a sociedade. Conhecendo os problemas em meio aos quais vivemos, decidi dedicar-me ao combate das raízes provocadoras desses problemas.

Acho muito oportuno o que Puebla nos convida a refletir: "A evangelização, anúncio do Reino, é comunicação: portanto, a comunicação social deve ser levada em conta em todos os aspectos da transmissão da Boa Nova".

Sabemos da importância do rádio, das revistas, dos livros, da TV. . . na realidade atual. A atuação dos Paulinos na Igreja é exatamente esta: atualizar a mensagem evangélica no presente de nossa história,

através dos meios de comunicação próprios dessa história.

Essa é a herança que o Pe. Tiago Alberrione começou a nos deixar em 1914 na Itália e em 1931 aqui no Brasil. Através desse carisma captado por ele, e revivido por nós, ajudamos a fazer com que a mensagem das bem-aventuranças se torne realidade na convivência humana.

Para desenvolver esse trabalho confiamos que um dia a mensagem do Evangelho encontre finalmente a linguagem compreensível a todos: a linguagem do amor!

CP — Haveria alguma estratégia para perseverar neste tipo de vocação específica na Igreja?

DLM — Acho que não há grandes segredos. Este tipo de vida é parecido com qualquer outro, ainda que para isso hajam algumas modalidades de serviço específicas.

A grande âncora que nos sustenta é a dedicação. Há necessidade de detectar desde cedo algumas tarefas específicas importantes para nós. Essas tarefas devem estar solidamente constituídas em nossa própria forma de ser. Devem ser parte de nós. Nada melhor que a própria pessoa para descobrir quais são. Deixo-lhe aqui, a título de exemplo, algumas:

- a) Estudo (importantíssimo);
- b) Relacionamento humano (equilíbrio emocional);

c) Relacionamento com Deus, extensão da coerência vocacional que se está vivendo;

d) Trabalho com responsabilidade;

e) Nunca tomar decisões precipitadas ou em momentos de tensão;

f) Criar elementos de fraternidade na comunidade de que somos parte. O amor mútuo é o coração da comunidade.

Gostaria de lembrar que estou apenas citando aqui algumas realidades que a mim serviram. Lembro novamente que todos nós já temos uma história iniciada. Ela é muito importante para encaminhar a felicidade ou não... nossa e dos outros. Histórias não são feitas ao acaso, exigem participação de quem as faz.

CP — E, para concluir este nosso rápido encontro, o que o marcou mais em sua ordenação?

DLM — Por intermédio desta revista, agradeço às milhares de pessoas que direta ou indiretamente, se fizeram presentes em minha ordenação e 1ª Missa e, em suas orações, se lembraram de mim.

Teria muitas lembranças a registrar aqui. Gostaria, entretanto, de participar a todos os leitores a encorajadora surpresa causada pelas dezenas de mensagens afetuosas chegadas a mim por ocasião desse evento. Isso não só me sensibiliza bastante, mas se constitui em motivo de ânimo para



A comunidade, com a ladainha, invoca a proteção de todos os santos sobre Darci. À direita, no primeiro banco, seus pais: Sr. Geraldo e Dona Geltrudes Marin.

bem iniciar esta caminhada.

Agradeço, pois, de coração, a todos os que me manifestaram seu carinho e, em especial, às mensagens das pessoas, e entidades abaixo:

* Pe. Renato Perino — Roma — Itália * Paulinos — Goiânia — GO * Paulinas — Fortaleza — CE * Paulinas — Porto Alegre — RS * PP Testi, Bortolini e Tiago Giraudo — Albano Laziale — Itália * Sandra, Tibúrcio e Luciana — Bochum-Langendreer — Alemanha * Fontes — Uberaba — MG * José Carlos — Anápolis — GO * Janete G.B. — São Paulo — SP * Pastorinhas / 3ª Léguas — Caxias — RS * Vera Vieira — São Paulo — SP * Ir. Benigna Breda — São Paulo — SP * Elaine Dias — São Paulo — SP * Pastorinhas — Caxias — RS * Afonso e Basílica Bellan — Antônio Prado — RS * Ir. M. Pia Di Dio — Asti — Itália * Ir. Maria Kolling — Santos — SP * Luciano Marchioni — Caxias — RS * Irs. Agnes, Marta e Virgínia — Caxias — RS * Sueli — São Paulo — SP * Ir. Maria Matilde — Belo Horizonte — MG * Pastorinhas — Centenário do Sul — PR * Jornal "Panorama Pradense" — Antônio Prado — RS * Jornal "O São Paulo" — São Paulo — SP * Pe. Hermilo Pretto — São Paulo — SP * Ir. Ângela Soldera — Porto Alegre — RS * Pe. A. C. D'Elboux e funcionários da Liv. Sé — São Paulo — SP * Paulinos / Cidade Paulina — São Paulo — SP * Paulinas — Rio de Janeiro — RJ * Ir. Isabel

Mazzurana — Rio de Janeiro — RJ * Ir. M. de Lourdes Silva — Curitiba — PR * Ir. M. Letícia — Curitiba — PR * Paulinas C. Alberione, C. Regina, C. Provincial, C. S. Paulo, C. Div. Mestre e C. Livr. da R. 15 — São Paulo — SP * Paulinos — Rio de Janeiro — RJ * Ir. Mônica Luzzi — Caxias — RS * Ir. M. Amoris Zerma — Caxias — RS * Pias Discípulas / C. Div. Mestre — Caxias — RS * Paulinas — Curitiba — PR * Paulinas — Niterói — RJ * Ir. Lourdes Tonon — Itumbiara — GO * Pastorinhas / C. Ferreira — S. Francisco de Paula — RS * Paulinas — Salvador — BA * Pias Discípulas — Brasília — DF * Paulinas — Maringá — PR * Luiz Lodi — São Paulo — SP * Pe. Toninho — Mogi Guaçu — SP * Paulinas — Belo Horizonte — MG * Paulinos — Caxias — RS * Pias Discípulas / Seminário — Caxias — RS * Ir. M. Bernarda — Salvador — BA * Ir. Josefina Romanini — São Paulo — SP * Rosa Maria Manzano — São Paulo — SP * "Boletim Informativo" — Osasco — SP * Eclair Lochatelli — São Paulo — SP * Marta, Telma, Regina, Rosângela, Flávia e Ana Laura — São Paulo — SP * Ir. Luciana Dal Pozzo — São Paulo — SP * "JUST" — São Paulo — SP * Ir. Maristela e Comunidade das Pias Discípulas * Pe. Lucas Caravina — Rio de Janeiro — RJ * Pastorinhas / Jd. D'Abril — São Paulo — SP * Anunciatinas — São Paulo — SP.

A todos minha sincera gratidão e a promessa de minha lembrança sincera ao Pai que nos ama.



Na foto, Pe. Darci com seus familiares.

PARA REZAR EM GRUPO



PARA QUE HAJA VIDA

Motivação: Nós não queremos a violência. Queremos a fraternidade. Queremos pela fraternidade, combater toda forma de violência que atinge o ser humano. É por isso que nos reunimos aqui; para renovar nosso propósito de construir juntos um mundo mais fraterno e para reforçar nossa Esperança nesta luta contra a violência.

Presidente: Deus vinde em nosso auxílio.
Todos: Senhor, socorrei-nos e salvai-nos!
Canto: fraternidade sim! – violência não!
(CF)

Oração do salmo 136: Este salmo é um hino de agradecimento ao Senhor. É um bendito, um louvor a Deus, por suas ações no meio do mundo. É um hino que canta a

bondade eterna de Deus, presente em nossa história e a sua salvação que começa na criação, prossegue com a redenção e continua na vida cotidiana. E o salmo permanece aberto para novas invocações, porque o amor de Deus é eterno e continua.

Salmo: (pode ser rezado ou alternado entre solista e assembléia)

Agradecei ao Senhor, porque ele é bom,

— porque o seu amor é para sempre!

Agradecei ao Deus dos deuses,

— porque o seu amor é para sempre!

Agradecei ao Senhor dos senhores,

— porque o seu amor é para sempre!

Só ele fez grandes maravilhas,

— porque o seu amor é para sempre!

Ele firmou a terra sobre as águas,

— porque o seu amor é para sempre!

Ele fez os céus com inteligência,

— porque o seu amor é para sempre!

Ele fez grandes luminares,

— porque o seu amor é para sempre!

O sol para governar o dia,

— porque o seu amor é para sempre!

A lua para governar a noite,

— porque o seu amor é para sempre!

Ele feriu o Egito em seus primogênitos,

— porque o seu amor é para sempre!

E tirou Israel do meio deles,

— porque o seu amor é para sempre!

Com mão forte e braço estendido,

— porque o seu amor é para sempre!

Ele dividiu o mar vermelho em duas partes,

— porque o seu amor é para sempre!

E por entre elas fez passar Israel,

— porque o seu amor é para sempre!

Mas nele arrojou o faraó e seu exército,

— porque o seu amor é para sempre!

Ele guiou Israel pelo deserto,

— porque o seu amor é para sempre!

Ele feriu reis famosos,

— porque o seu amor é para sempre!

Ele matou reis poderosos,

— porque o seu amor é para sempre!

Ele deu a terra deles como herança,

— porque o seu amor é para sempre!

Como herança ao seu servo, Israel,

— porque o seu amor é para sempre!

— porque o seu amor é para sempre!

— porque o seu amor é para sempre!

— porque o seu amor é para sempre!



FC — Romanini

Ele esteve conosco ao longo de nossa história latino-americana e brasileira,

— porque o seu amor é para sempre!

Ele caminhou com o povo negro em meio a toda escravidão,

— porque o seu amor é para sempre!

Esteve ao lado dele em suas lutas pela libertação,

— porque o seu amor é para sempre!

Ele preservou os índios, nativos desta terra contra os massacres dos colonizadores,
— porque o seu amor é para sempre!
Ele se lembrou de nós em nossa humilhação,

— porque o seu amor é para sempre!
Ele nos livrou dos nossos opressores,
— porque o seu amor é para sempre!
Ele se lembra de nós em todas as nossas dificuldades, em nossa pobreza,
— porque o seu amor é para sempre!

Ele se lembra de nós quando somos explorados pelos baixos salários, e pelo alto custo de vida,
— porque o seu amor é para sempre!

Ele dá o pão vivo a todo ser vivo,
— porque o seu amor é para sempre!

Ele se lembra de nós, nos nossos sofrimentos, nas nossas incertezas, nas nossas lutas pelo pão,

— porque o seu amor é para sempre!
Ele está conosco nos nossos trabalhos, nas nossas buscas e em toda a nossa caminhada de libertação,
— porque o seu amor é para sempre!

Agradecei ao Deus dos céus,
— porque o seu amor é para sempre!
(podem ser acrescentados outros motivos de agradecimentos. Os que desejarem poderão obter informações detalhadas desse salmo em: VIDA PASTORAL, nº 108, 8-16).

A Palavra de Deus — Bem-aventuranças — Lucas 6,20-26

Partilha e oração (espontânea)

Pai-nosso — oração da fraternidade (mãos dadas)

O Presidente pode convidar a comunidade reunida para especificar os males, os quais queremos que Ele nos livre, conforme acabamos de rezar no Pai-nosso. Por exemplo:

De todas as violências contra as famílias dos posseiros, dos favelados,
todos: livrai-nos, Senhor!

De toda violência policial,
todos: livrai-nos, Senhor!

Dos assaltos, dos roubos, dos crimes,
todos: livrai-nos, Senhor!

Da violência sexual que desrespeita e marginaliza,

todos: livrai-nos, Senhor!
Da droga que destrói nossos jovens,
todos: livrai-nos, Senhor!
Da violência que mata crianças antes de nascer,

todos: livrai-nos, Senhor!
Da falta de cuidado nos hospitais que deixa morrer as pessoas antes do tempo,
todos: livrai-nos, Senhor!

Do abandono na velhice,
todos: livrai-nos, Senhor!
Das prisões, das torturas, das calúnias injustas,

todos: livrai-nos, Senhor!
Da discriminação que exclui o negro,
todos: livrai-nos, Senhor!

Dos maus tratos contra os peões, os bóias-frias, os operários,
todos: livrai-nos, Senhor!

Do preconceito contra a mulher,
todos: livrai-nos, Senhor!

Das revistas, filmes, programas que ensinam a violência, e promovem a brutalidade e o machismo,
todos: livrai-nos, Senhor!

Da pornografia que viola a dignidade do corpo humano,
todos: livrai-nos, Senhor!

Da propaganda que nos obriga a consumir sem necessidade aquilo que falta ao pobre,

todos: livrai-nos, Senhor!
outras . . .

Presidente: Livra-nos, Senhor, de todos esses males que nos afligem e dá-nos a força e a coragem para agir na construção de um mundo melhor do que este. Nós te pedimos isto, por meio de Jesus, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

Todos: Amém!

Abraço da paz (motivar para este gesto)
Bênção

“Que Deus nos abençoe e nos guarde! Que faça brilhar sobre nós a luz de sua face e nos dê a sua graça! Que Ele mostre o seu rosto e nos dê a Paz!”

Todos: Amém!

Canto de São Francisco

*Ir. Silde Coldebella e
Ir. Maria da Penha Carpanedo*

CAMINHOS HISTÓRICOS DA IGREJA

No dia 14/10/82, no Instituto Paulo VI — SP., o padre J. B. Libânio, convidado pela Região Episcopal de Itapeverica da Serra, assessorou um grupo de agentes (leigos, padres e irmãs) reunidos em estudo.

Sua exposição foi no sentido de esclarecer a situação atual da Igreja, fornecendo ao grupo elementos de análise da atual conjuntura eclesial. Essa temática foi desenvolvida em três pontos: a identidade católica tridentina, desmoronamento dessa identidade, tentativas pastorais de superação do impasse.

I — IDENTIDADE CATÓLICA TRIDENTINA

A identidade católica tridentina é a auto-compreensão que a Igreja se fez a partir dos ensinamentos e práticas decorrentes dos conflitos: "reformadores X contra-reformadores", com base nos ensinamentos do Concílio de Trento.

Essa identidade resumida no catecismo tridentino, abarcando os quatro campos fundamentais atingidos pelo Concílio de Trento (Doutrina, Moral, Liturgia e Disciplina Eclesiástica), chegou à consciência de todo o povo através de vários fatores que revelam a vitalidade tridentina tais como: pregações dominicais e extraordinárias, sobretudo nas missões; ensino do catecismo; instituição paroquial mais organizada; reforma da imagem de Roma e dos bispos, sobretudo do clero; formação espiritual e intelectual do clero nos seminários; piedade dos santos e místicos; surto de congregações religiosas.

Além disso, a Igreja Tridentina, para cumprir as tarefas de evangelização e catequese, apelou para sua própria força econômica, política e cultural, usando até mesmo de meios violentos em aliança com as forças civis, como também usando do impacto de medo e culpabilidade sobre as consciências. Por exemplo: através de uma pregação dos castigos, dos novíssimos, do pecado; se pretendia obrigar os fiéis à confissão. As grandes missões só terminavam quando o último fiel se confessava.

II — DESMORONAMENTO DESSA IDENTIDADE

Houve uma perda de nitidez de tal identidade. As colunas que a sustentavam (doutrina, Moral, Prática Sacramental, Disciplina Eclesiástica) foram abaladas por uma série de fatos:

a) O processo de desmitologização abalou a força coesa da identidade dogmática dando lugar a todo um movimento de re-interpretação e re-leitura teológica;

b) A ética do prazer e da satisfação, a valorização agressiva do corpo, a revolução sexual questionam em profundidade a moral católica nesse campo;

c) A prática sacramental: decaiu a vinculação estreita entre confissão e Comunhão, dando lugar ao predomínio da comunhão;

d) Os movimentos libertários minam a disciplina eclesial;

e) Os processos de democratização, liberalização, modernização afetaram fortemente o clero que perde sua configuração;

f) A estrutura do medo é minada pela psicologia e sociologia;

g) A Igreja perde grande parte de seu poder: econômico, político e cultural e se desvincula os poderes civis ou é rejeitada por eles;

h) A urbanização, a industrialização, o êxodo rural, o império dos mass média, a ética do progresso e finalmente a concepção marxista do homem como práxis enfraquecem a identidade tridentina católica.

III — REAÇÕES AO DESMORONAMENTO DA IDENTIDADE TRIDENTINA

1ª posição: aceleração do processo impositivo e resgate da experiência fundamental da fé.

Esta posição defende uma religião desligada de um corpo social (Igreja), uma religião como produto heterogêneo que cada um compõe com ingredientes que toma das diferentes religiões oficiais, sem guardar mais relações com elas.

2ª posição: Volta à Identidade Católica:

Este fenômeno de volta a uma Identidade perdida, manifesta-se com matizes diferentes. Distingue-se pelo menos duas formas:

a) Em forma crispada: *fenômeno Lefebvriano neo-fundamentalista.*

Sob a inspiração de Lefebvre muitos defendem o neo-fundamentalismo e rejeitam toda a teologia crítica e toda hermenêutica dogmática ou moral. Rejeitam também os direitos da razão moderna, exaltando o poder e a autoridade na Igreja e no Estado.

b) Em forma moderada: *Esta posição aceita que a identidade católica seja mais ampla que a tridentina, assumindo alguns elementos do Vaticano II que é tomado como ponto de partida para ulteriores reflexões. As ulteriores pesquisas e os questionamentos devem ser vetados, sobretudo em nível de divulgação.*

3ª posição: A vida do pluralismo e do compromisso:

É a posição dos que aceitam a necessidade de uma identidade católica, mas a partir do compromisso e da aceitação do pluralismo. Essa identidade não deve ser tão clara e definida, mas deve ser fruto de uma contínua reinterpretção e incorporação de novos elementos. O Vaticano II é considerado, não como estacionamento, mas como ponto de partida para novas reflexões e avanços.

Sinopse: Ir. Silvana Fogaça

PROFISSOES RELIGIOSAS

Com grande alegria, as Irmãs Pias Discípulas do Divino Mestre participam aos leitores de O COOPERADOR PAULINO, o transcurso da solene liturgia, onde foram realizados os Votos Perpétuos de: Ir. M. Inês Andrade, em 13/02/83, na Igreja matriz de Goioerê — PR; Ir. M. Sônia Ferreira de Andrade, em 13/02/83, na Igreja matriz de Alto Piquiri — PR; Ir. M. Leni Rossi, em 10/04/83, na Capela Santo Expedito — Tupanci — RS.

As professandas registram aqui a seguinte mensagem de João Paulo II: "Vocação é um mistério que o homem acolhe e vive no mais íntimo de seu ser".

No dia 06/02/83 emitiram a Primeira Profissão, na Congregação das Irmãs Pias Discípulas do Divino Mestre, em São Paulo: Veronice Fernandes, Elza Guarezi, Aparecida Néspoli, Gladenice Poletto, Marinalva C. da Silva e Isabel Tonon.

O APÓSTOLO PAULINO TEM UM SÓ IDEAL: COMUNICAR JESUS CRISTO!

Pe. Tiago Alberione

† *Olívio Frederico*, pai da Irmã Pia Discípula Federica Frederico. Olívio nasceu em 04/03/1912. Na proclamação de falecimento, ficou gravada a seguinte mensagem joanina: "Eu te glorifiquei na terra, concluí a obra que me encarregaste de realizar. E agora, Pai, glorifica-me junto de ti". Olívio faleceu em 07/10/1982.

† *Amábile Pozza Piva*, mãe da Irmã Pastorinha Yolanda Anna Thereza Piva, nasceu em 15/10/1894. Foi grande devota de Nossa Senhora. Amava o trabalho, dedicando-se inteiramente à família. Partiu para a Casa do Pai, deixando aos cinco filhos o testemunho de fé e fortaleza. Faleceu em 11/10/1982 em Mariápolis, Paraná.

† *José Adão Araujo*, irmão da Irmã Pia Discípula Maria Celina Araujo, nasceu em 30 de agosto de 1952. Foi um pai e esposo honesto e trabalhador. Seu pensamento voltava-se continuamente à felicidade do lar. Passou à eternidade repentinamente, vítima de pneumonia crônica, no dia 22 de dezembro de 1982.

† *Maria Madalena Mazzucchielli Caravina*, mãe do Padre Paulino Ângelo Lucas Caravina, havia nascido há 81 anos. Era de profunda constância na oração e nas práticas cristãs. Faleceu em 19/01/83 em Presidente Prudente, São Paulo.

† *Benjamim Rossarolla*, pai da Irmã Paulina Sílvia Rossarolla, nasceu em 04 de abril de 1909, em Ribeirão, RS. Foi um pai bondoso. Grande devoto do Sagrado Coração de Jesus e, por muitos anos, presidiu à reza do terço. Sofreu muito antes de partir para a eternidade, porém, não se queixava. Faleceu no dia 13 de julho de 1982, após ter recebido os últimos sacramentos, em sua terra natal.

† *Angelina Paschoalino Santi*, mãe da Irmã Paulina Maria Santi, nasceu em 26 de maio de 1904. Dedicou toda sua vida à família, com muito amor. Faleceu em 19 de julho de 1982.

† *José Nascimento Silva*, irmão da Irmã Paulina Patrícia Silva, nasceu em 10 de fevereiro de 1942, em São Sebastião do Paraíso, MG. Sua breve existência foi marcada pelo amor à família, aos amigos e ao trabalho. Faleceu de maneira inesperada, num acidente, no dia 1º de novembro de 1982, em Morro Agudo, SP.

COMUNICAÇÃO E DIÁLOGO

"Tem esta a finalidade de lhes comunicar o meu desejo de ser assinante da revista O COOPERADOR PAULINO, da qual gostei muito e conheci esses dias através de uma colega.

Vocês estão de parabéns, porque realmente o mundo está precisando de sementes de amor. É preciso que os meios de comunicação se coloquem mais a serviço de Deus, levando suas mensagens aos povos e mostrando verdadeiros exemplos de fé cristã e de caridade espontânea.

Felicidades a todos e que Deus continue abençoando esse meio de evangelização".

Maria Auxiliadora de Almeida
SÃO PAULO — Capital

"Desejamos receber a ótima publicação O COOPERADOR PAULINO. Desde já agradecemos...".

União dos Amigos da Padroeira
SÃO PAULO — Capital

"Queira ter a bondade de incluir-nos para uma assinatura anual de 1983 da revista O COOPERADOR PAULINO, de cuja leitura nos agradamos e utilizamos para nossa catequese... Desejamos bom sucesso em seu apostolado...".

Ir. Armanda de Oliveira
IHANGAPI — PA

"Estou enviando minhas impressões desta revista. Está ótima, especialmente a de nº 5. Empolgou-me bastante o enfoque da capital importância do estudo em preparação à Vida Religiosa. Francamente, esta revista não nos deixa escapar daquele carisma paulino, que tanto nos engaja e faz amar nossa participação pelo mundo afora... Essa revista nos faz ser fiéis a um ideal interior, à uma chama de amor. E é por isso que a guardo carinhosamente desde o primeiro número...".

Marisa P. de Oliveira
AZURITA — MG

"Desejo encontrá-los com fé, saúde e paz no coração... Atra-

vés desta revista vocês ajudam os outros a refletirem e se aprofundarem na fé. Dão-lhe coragem para procurarem a libertação da escravidão e das injustiças em que se encontram...".

Também sou uma jovem vocacionada que pretende entrar numa Congregação Religiosa... Tenho 19 anos e estou ansiosa em trabalhar pelo Reino de Deus. Alegro-me em saber que existem pessoas que deixam pai, mãe, irmãos, parentes e se lançam a lutar em favor de outras pessoas! Esse também é o meu ideal...".

Contem com minhas orações pelo belo trabalho que vocês desenvolvem...".

Núbia Lúcia Lopes Souza
ARARI — MA

"Queremos parabenizá-los pelo trabalho de compilação dos artigos apresentados na revista O COOPERADOR PAULINO... Desde já agradecemos a dedicação e prometemos acompanhar toda esta ação que O COOPERADOR PAULINO desempenha em nossa Família, deixando nossa profundas saudações".

Ir. Adélia Mugnol
(Equipe Vocacional das Pastorinhas)
CAXIAS DO SUL — RS

"Escrevo-lhes, pois sou jovem. Estou com 17 anos e a tempo procuro ajudar os Paulinos... Estou com um grupo de pessoas, igualmente colaboradoras... Falei a todos sobre a revista O COOPERADOR PAULINO... Todos estamos dispostos a ajudar, basta que vocês nos enviem o material vocacional...".

Marcos A. Gomes
RIO DE JANEIRO — RJ

"Recebi uma revista O COOPERADOR PAULINO. Gostei bastante... Conto sempre com vocês e espero que Nossa Senhora os abençoe...".

Rosângela Macedo
PARINTINS — AM

"Desejo a todos vocês de Edições Paulinas muita paz e amor!

Desejo receber sempre esta revista (O COOPERADOR PAULINO), pois quero estudar profundamente a Congregação dos Paulinos. Estou pretendendo entrar para o Seminário Paulino no final deste ano...".

Joselmo R. Pimenta
AFONSO CLÁUDIO — ES

"Neste ano tive a oportunidade de ler a revista O COOPERADOR PAULINO, nº 6, o qual me ajudou muito. Escrevo esta para fazer parte desta imensa Família e para desejar paz, saúde e prosperidade a todos no decorrer deste ano... Sou participante de um grupo de jovens. Tenho 18 anos. Rezo sempre pelas vocações sacerdotais e por todos os que propagam o Evangelho entre os homens...".

José N. F. Cunha
S. GONÇALO DO SAPUCAÍ — MG

"Já recebi dois números desta revista. Gostei muito... Desejo continuar recebendo os próximos números. Tenho 61 anos e sou pai de uma Irmã da Congregação das Pias Discípulas do Divino Mestre".

Albino Gaspari
Linhares — ES

"O COOPERADOR PAULINO" deseja a todos os amigos e colaboradores da Família Paulina uma feliz Páscoa, e associa-se aos que pedem ao Senhor Ressuscitado para que todos os homens e mulheres alcancem o começo de uma vida nova.

"Anunciai com gritos de alegria, proclamai até os extremos da terra: o Senhor libertou o seu povo, aleluia" (Is 48,20).

Paulinos de Campinas têm novo endereço:

Rua Americana, nº 127
Jd. Novo Campos Eliseos
13100 — CAMPINAS — SP

MERGULHE NA ONDA DO SOM E DA IMAGEM

EPD
NOVIDADES

1 - PAZ = MUNDO RECONCILIADO

(Audiovisual)

Criação e texto: Nereu de Castro Teixeira -
Mario Celli - Benigna Breda

"Um canto de paz precisa ser cantado
nos tempos que vivemos:

- TEMPOS DE COMPORTAMENTOS VIOLENTOS,
- TEMPOS DE ESTRUTURAS VIOLENTAS,
- TEMPOS DE SERVIÇOS SOCIAIS PRECARIOS,
- TEMPOS DE PESSOAS DE PAZ!"

O que marca a proposta global deste audiovisual é a possível realidade de se conquistar a paz, sobretudo, através de pessoas de paz (promotores da paz). É um texto forte e austero, onde a esperança "nasce da crueldade da violência que se vive no cotidiano em vários níveis, leva a uma reflexão e discussão que deve trazer mais luz ao conflito paz e violência". Vem também ao encontro do tema da Campanha da Fraternidade de 1983.



Face A - Texto bipado para audiovisual
Face B - Reflexão e canto sobre: paz ambiente,
paz com as pessoas, paz com Deus.

2 - O DIREITO DOS JOVENS

(audiovisual)

Criação e texto: Pe. Zezinho - Mario Celli - Benigna Breda

Há direitos inalienáveis à dignidade humana. O homem precisa tomar consciência de sua dignidade para buscar os seus direitos. O direito à vida, à liberdade, à participação, à justiça, à esperança são faces diferentes de um único e grande direito:

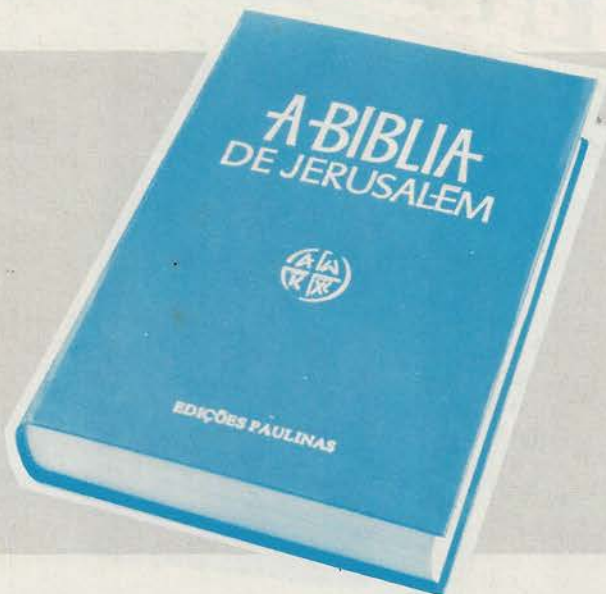
"SER HOMEM - SER FILHO DE DEUS!"

Edições Paulinas, com o lançamento do audiovisual **"O DIREITO DOS JOVENS"**, se propõe criar um espaço de reflexão, de esperança e de conquista dos direitos humanos; dos

DIREITOS DOS JOVENS.

Este audiovisual, específico para jovens, pode ser projetado em cinco reuniões ou momentos subsequentes, para grupos de jovens, para escolas de segundo grau e para quantos se dedicam à orientação dos jovens.

A BÍBLIA DE JERUSALÉM



- * Traduzida diretamente dos textos originais grego e hebraico
- * Quatro mapas a cores e vários mapas geográficos
- * Supervisão da Escola Bíblica de Jerusalém
- * Formato: 19 x 27,5 cm
- * 1.664 páginas papel bíblia
- * Modelos: encadernada índice zíper



EDIÇÕES PAULINAS
cada vez mais perto de você